

TV+

# História na TV

Em 1999, a Rede Globo contratava a primeira autora-roteirista negra da história da emissora. Hoje, 25 anos depois, Renata di Carmo celebra uma carreira extensa no cenário artístico e audiovisual nacional

POR ISABELA BERROGAIN

**A** apaixonada pela dramaturgia desde os 11 anos de idade, Renata di Carmo cresceu sendo uma verdadeira contadora de histórias. Foi na adolescência que a hoje atriz, diretora, roteirista e escritora se encantou pelos palcos e tabladros — aos 13, Renata já era autora de sua primeira peça profissional. Cinco anos depois, a então graduanda em artes cênicas e cinema se tornou a primeira autora-roteirista negra contratada pela Rede Globo, marcando a história da maior emissora de televisão do país.

Mais de duas décadas após o feito, ela trilha uma carreira notável como diretora de peças e curtas, jornalista, ensaísta e diretora, responsável por grandes produções ainda não lançadas, como a nova série da HBO *Cidade de Deus*, que se passa 20 anos após os acontecimentos do filme, e a adaptação cinematográfica do livro *Torto arado*.

## Entrevista // Renata di Carmo

**A sua trajetória na dramaturgia começou ainda na infância, aos 11 anos. O que lhe fez brilhar os olhos no ato de contar histórias?**

Foi como atriz, no teatro. O que me inspirou foi poder me colocar no mundo, me expressar e construir outras realidades. Eu me sentia bem no palco,



Luciana Zacarias

era um desalinho confortável, um lugar onde, de um jeito muito diferente, eu me sentia segura, à vontade com minhas emoções, em casa. E não era tranquilo, eu era tímida. Mas era um lugar para mim. O mergulho nas artes, na fruição dos sentimentos, aquelas experiências me interessavam.

**Você escreveu sua primeira peça aos 13 anos. O que o teatro significou para a construção da sua carreira e o que significa para você hoje?**

Integrei um elenco como atriz pela primeira vez aos 13 anos, depois veio a escrita. O teatro é parte fundamental da minha construção como pessoa e como artista, é a lente por onde eu elaborei o mundo, que me fez expandir um pensamento crítico sobre as coisas. Foi onde, principalmente, pude exercer a minha sensibilidade e a minha verdade. Foi em contato com o teatro, com as artes, que eu comecei a entender quem eu era, que eu comecei a me sentir mais em casa, onde me reconheci, onde as coisas faziam sentido. Conhecer mais sobre

isso fazia muito sentido. Saber mais, sobre tudo, fazia sentido. E experimentar ser. Durante muito tempo me senti estranha (e ainda me sinto), mas tudo bem, eu me encaixava em algum lugar, e essa lente distinta, por onde via as coisas, era possível.

**Você foi a primeira mulher negra a ser contratada como autora-roteirista na TV Globo, há 25 anos. Como foi lidar com o desafio na época?**

Em geral, eu tinha muita curiosidade sobre o mundo, e isso sempre me impulsionou. Essa curiosidade e um desejo fora do comum de ir atrás das visões que eu tinha me conduziram pelo meu caminho. Na época, convivia com pouquíssimas mulheres em muitos locais por onde circulava. As referências eram poucas, mesmo a gente sabendo que as mulhe-

res estavam por aí, mas seguiam inviabilizadas. Negras então, não tinha colegas de trabalho negras. Com o tempo, passei a ter a necessidade de também pesquisar quem eram as mulheres que já tinham colaborado nas artes, no audiovisual... Quem eram as mulheres negras que tiveram seus nomes omitidos e suas existências apagadas nos espaços de discussão, nas artes, na política, na intelectualidade...

**O que você acha que mudou desde então, em termos de representatividade?**

Hoje, já vemos um cenário diferente, outra realidade, mas ainda muito longe da paridade ideal. O ideal está longe em muitos aspectos. Conseguimos ver o resultado das lutas relacionadas às questões de raça, gênero, diversidades, mas é uma construção constante, ainda temos um longo caminho pela frente para que as coisas se tornem naturais e contínuas, e não apenas estejam a serviço de uma demanda momentânea ou ligadas a outros interesses, que se diluem.